PREÇO DO LEITE E DE DERIVADOS

DEPOIS DA FORTE ALTA, A EXPECTATIVA É DE QUEDA

RAFAEL RIBEIRO DE LIMA FILHO
Zootecnista da Scot Consultoria

ALEX SANTOS LOPES DA SILVA
Zootecnista da Scot Consultoria

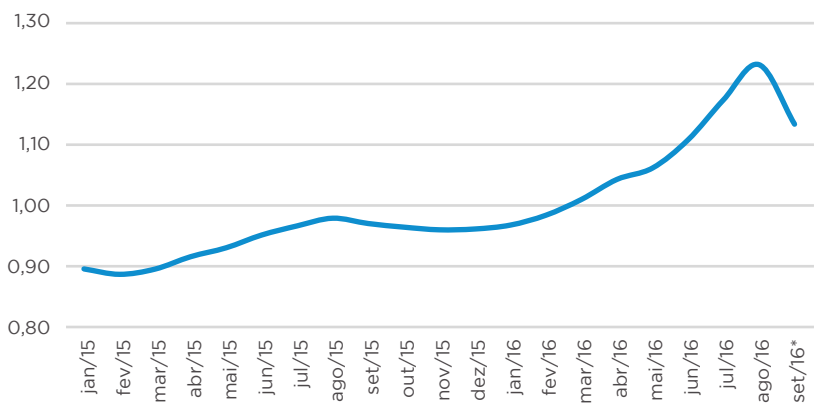
GUSTAVO ADOLPHO MARANHÃO AGUIAR
Zootecnista da Scot Consultoria

COM A virada recente no mercado, a expectativa é de baixa nos preços do leite. As cotações dos lácteos já caíram no atacado, e, no mercado *spot* (leite comercializado entre as indústrias), há, também, um processo de queda no preço desde a segunda quinzena de julho. Isso indica um cenário de menor concorrência e estoques maiores de leite longa vida nos laticínios.

A demanda interna patinando desde o ano passado, principalmente para os produtos de maior valor agregado, deve colaborar com esse ambiente de baixa no curto e no médio prazos. Para o produtor, fica o alerta com relação a quedas nos preços do leite nos próximos meses.

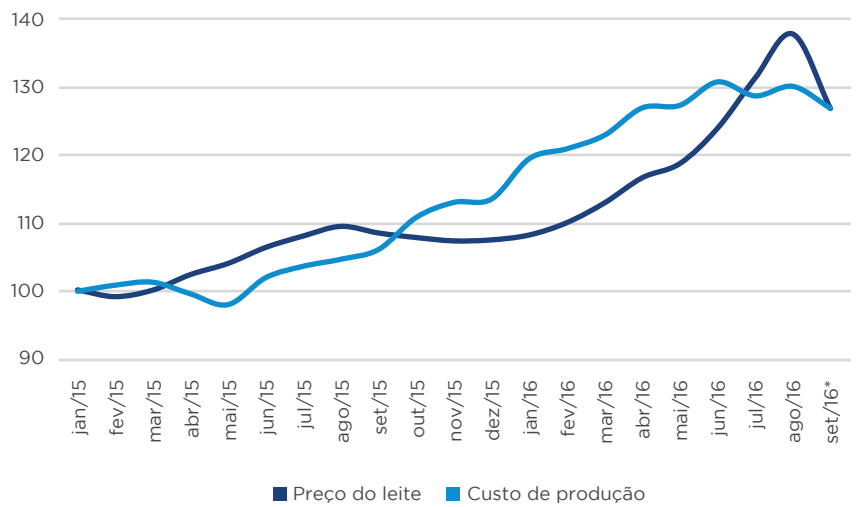
Apesar dos recuos nos preços do milho e do farelo de soja em agosto e setembro, as cotações estão historicamente elevadas e seguem pesando no bolso. Por outro lado, com as chuvas mais regulares a partir deste mês, espera-se uma melhoria das condições das pastagens e menor necessidade de suplementação concentrada dos animais, com alívio nos custos de produção.

BRASIL: PREÇO MÉDIO PAGO AO PRODUTOR DE LEITE, SEM O FRETE
(R$/L)



* Estimativa
Fonte: Scot Consultoria

BRASIL: PREÇO PAGO E CUSTO DE PRODUÇÃO DO LEITE PARA O PRODUTOR
(BASE 100 = JANEIRO DE 2015)



* Estimativa
Fonte: Scot Consultoria

O MERCADO EM 2016

A menor disponibilidade de matéria-prima (leite cru) na temporada puxou para cima os preços do leite e de derivados no primeiro semestre de 2016. Considerando a média nacional, os preços pagos aos produtores subiram 27,5% de janeiro até o pagamento realizado em agosto (produção entregue em julho).

Segundo o Índice Scot Consultoria de Captação de Leite, no acumulado de janeiro a agosto, a produção nacional diminuiu 0,8% em relação ao mesmo período de 2015, quando o volume captado já havia, por sua vez, caído 2,8% frente ao exercício anterior. A entressafra deste ano teve como agravante as condições climáticas adversas (estiagem no Brasil Central e na região Sudeste, e excesso de chuvas no Sul do País), além, é claro, da alta dos custos de produção, com destaque para o milho.

Depois das fortes altas, o mercado nacional do leite perdeu sustentação. Desde junho, as comparações mensais mostram aumento da produção nos estados de peso da região Sul. Mais recentemente, a produção também mostrou crescimento em Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Ainda que os incrementos na produção tenham sido mais comedidos em 2016 quando comparados com os dos anos anteriores, a maior disponibilidade de matéria-prima diminuiu, em parte, a concorrência entre os laticínios. A partir deste mês, com a entrada da produção no Sudeste e no Brasil Central, a oferta deve aumentar com mais força, de modo a consolidar o período de safra nestas regiões.

Desta maneira, os preços, historicamente, tendem a cair neste quarto trimestre, com a retomada da produção em importantes bacias leiteiras. Outro ponto a se considerar com maior peso é o ritmo das vendas de lácteos na ponta final da cadeia. Esse escoamento foi prejudicado pelos aumentos expressivos de preços no primeiro semestre, em especial do leite longa vida. O produto chegou a ser vendido nos valores máximos acima de R$ 5,80 por litro nos supermercados em São Paulo.

Esse quadro gerou estoque na indústria, com pressão forte sobre o preço do tipo de leite longa vida no segmento atacadista. Em julho último, os negócios foram fechados, em média, a R$ 3,65 por litro nas indústrias, frente aos R$ 2,50 por litro em setembro. ■